Economia e Cultura: uma ligação

Alanis Vasem Oldoni

 Inicialmente, o capítulo I do livro **“A Economia da Cultura”** (2007, Ateliê Editorial) de Françoise Benhamou, se introduz sobre a temática do consumo cultural doméstico nos Estados Unidos como, livros, televisão, discos, instrumentos musicais, saídas para teatro, cinemas e afins. Que chegou aos anos 90 a um número elevado do consumo total, por volta de 3%, que afetou o orçamento familiar das famílias norte-americanas. Já na França, foram em torno de 12,9 bilhões de euros de gastos públicos e 34,1 bilhões de euros de despesas familiares.

 Em relação ao consumo, pesquisas foram feitas sobre as práticas culturais, com questões qualitativas, fazendo uso de conceitos sociológicos e econômicos. Essas tais pesquisas, afirmam principalmente o que cada indivíduo cultiva, se prefere ir ao cinema, ou olhar televisão, ler um livro, e então concluir os custos e os consumos, que se denomina Orçamento Familiar realizada pelo INSEE, que engloba também cinco itens do orçamento cultural, que são: imagem, som, texto, saídas de casa e práticas amadoras.

 Seguindo o capítulo, a autora afirma que o consumidor muitas vezes não segue uma teoria econômica e sim, psicológica ou sociológica em relação ao seu consumo e o custo dele. Pois o consumidor gasta mais do que pode, explicando mais claramente, ele se sujeita a gastar um valor restrito a sua renda.

 Um fator que limita o consumidor a uma saída de casa, implica no valor de custo da mesma, se ele vai ir ao cinema ou se ele vai ir a uma peça de teatro ou ficará em casa assistindo televisão, talvez vendo uma peça de teatro ou olhando o mesmo filme que olharia no cinema, vai ou não o favorecer mais.

 Outro fator que limita o consumidor a ter custos maiores com seus consumos é com relação à qualidade dos mesmos, como ter certa confiança em assistir uma peça de teatro na qual talvez o consumidor pague tão caro pelo ingresso dela, ou como ter certeza da qualidade de um livro em relação a outro do mesmo assunto ou autor, essa é uma questão pertinente.

 Em relação ao mercado de trabalho, a autora Françoise, explica a importância do emprego cultural, o mito e a verdade. O emprego cultural aumentou relativamente entre os anos 80 e 90: 37%, contra 3,7% para o total da população ativa.

 O serviço temporário foi uma forma de emprego que mais cresceu nos ano de 1999, por volta de 49 100 técnicos e 54 470 artistas (Groupement des institutions sociales du spectacle). No mesmo ano, cerca de 20% dos empregos nas áreas culturais eram de serviços temporários, com contrato por tempo determinado, contra a população ativa ocupada, no total de 7%. Uma estimativa mostra que, a partir dos dados do censo norte-americano dos anos 80, a uma grande diferença entre a média dos salários das profissões nas áreas da arte e a média das remunerações em outras áreas, chega a 6%.

 A carreira artística submete-se ao profissional, pois o talento pesa mais do que o próprio diploma, afirma o autor. A incerteza da carreira é uma preocupação, pois nunca se sabe ao certo, mas para chegar ao objetivo se exige muito esforço e também ao caráter temporário do sucesso, que pode muitas vezes chegar ao auge da carreira e depois decair. Moshe Adler (1985), diz que os artistas não se baseiam no talento, mas também no acaso e na sorte.

 Na área das artes, implica-se também um fator importante, os direitos autorais. Que corrigem a incapacidade de remuneração justa ao trabalho de determinado artista, pois tudo o que ele faz tem de haver uma remuneração justa.

 O direito autoral veio à tona nos século XIX junto com o crescimento da demanda cultural, que então os autores se organizaram para defender seus direitos. A taxa de remuneração para cada artista é paralela com a sua fama.

 As novas tecnologias tem causado um grande impacto em relação aos direitos autorais. Atualmente temos o acesso à internet que levantou o problema da distribuição dos direitos, entre vários e diferentes autores, incluindo som, imagem e texto.

 Há um grande problema pertinente com relação à internet, pois antes mesmo de uma música ser exposta legalmente pelo artista e um filme sair das salas de cinema, já estão sendo feitos download dos mesmos ilegalmente, ou sendo feitos discos piratas. A saga Napster e os processos que suscitou ilustram as dificuldades crescentes de aplicação dos direitos autorais, num

universo de criação subvertido pelas novas tecnologias (Towse, 2001, Paris, 2002).